

Língua, texto e ensino

OUTRA ESCOLA POSSÍVEL

Irandé Antunes



SUMÁRIO



Apresentação	11
Introdução.....	13

PARTE I – A LÍNGUA SOB NOVOS OLHARES

CAPÍTULO 1 – A língua e a identidade cultural de um povo.....	19
CAPÍTULO 2 – Língua e cidadania: repercussões para o ensino.....	33

PARTE II – O TEXTO SOB NOVOS OLHARES

CAPÍTULO 3 – Textualidade e gêneros textuais: referência para o ensino de línguas.....	49
CAPÍTULO 4 – Ir além dos elementos linguísticos do texto: um desafio para os interlocutores.....	75
CAPÍTULO 5 – Mas... e a coerência do texto a partir de seu material linguístico?.....	91
CAPÍTULO 6 – Os vazios naturais do texto e sua coerência.....	105
CAPÍTULO 7 – O que é mesmo a <i>informatividade</i> do texto?.....	125
CAPÍTULO 8 – As funções do léxico na construção do texto	141
CAPÍTULO 9 – Da intertextualidade à ampliação da competência na escrita de textos	161

PARTE III – O ENSINO SOB NOVOS OLHARES

CAPÍTULO 10 – E se o ensino de línguas não perder de vista as funções sociais da interação verbal?	173
CAPÍTULO 11 – A leitura: de olho nas suas funções	185
CAPÍTULO 12 – A escrita de textos na escola: de olho na diversidade	207
CAPÍTULO 13 – Concepções de língua: ensino e avaliação — avaliação e ensino.....	217
CAPÍTULO 14 – Resumindo a escuta... ..	229
BIBLIOGRAFIA.....	235

APRESENTAÇÃO



Os textos que compõem este livro foram, originalmente, apresentados em congressos ou seminários de linguística; alguns foram publicados depois em anais ou revistas especializadas. Responderam, portanto, a propósitos acadêmicos de pesquisa e divulgação científica, dirigidos a um público de especialistas, quase sempre, professores e alunos universitários.

Ter acesso a esses textos, dispersos assim em diferentes épocas e suportes, é pouco prático, sobretudo para os professores do ensino fundamental e médio e para alunos dos diversos cursos de graduação do país. Decidi, então, juntá-los numa única publicação.

Mais: professores do ensino fundamental e médio e alunos dos cursos de graduação são leitores para quem a literatura disponível ainda é pouco farta. Por isso, decidi, também, dar a esses textos uma orientação mais explicitamente pedagógica e acessível.

Com esse propósito, revi-os todos e fiz significativas alterações, acrescentando, exemplificando, relacionando-os mais diretamente às práticas de ensino, na tentativa de promover um encontro maior entre a pesquisa que se faz na universidade e a orientação que o ensino de línguas exige, seja de língua materna, seja de línguas estrangeiras.

Os encontros frequentes com professores do ensino fundamental e médio e com alunos da pós-graduação me deixam sempre na escuta. É essa escuta que alimenta a minha disposição de lhes trazer um pouco

mais de luz e apoio para enfrentarem tantos problemas que dificultam seu trabalho e deixam mais tardios os ideais de uma educação linguística relevante. A queixa dos professores de que “já não sabem, por vezes, o que fazer nas aulas de línguas” pode encontrar neste trabalho – espero – algumas, mas significativas respostas.

Meus agradecimentos a quem, implícita ou explicitamente, soube ter a disposição de me pedir essas respostas.

Mesmo, por vezes, atordoada, eu permaneço atenta a todas as perguntas!

IRANDÉ ANTUNES
Recife, fevereiro de 2009

INTRODUÇÃO



Uma professora me confessou que, ao voltar à sala de aula, depois de estar afastada por dez anos, constatou que se mantinha na escola a mesma programação de ensino da língua: cada uma das classes gramaticais – repetidas à exaustão, do fundamental ao ensino médio. Quase nada havia mudado, portanto, nesse espaço de tempo, apesar de tantos avanços das teorias, respaldados pelas pesquisas mais contundentes e especializadas. Como se isso pouco significasse, constatou também a professora que esse estudo era comprovadamente ineficaz, pois, no final do ensino médio, seus alunos ainda demonstravam ter grandes dificuldades, até mesmo frente aos mais elementares padrões da ortografia oficial.

Essa limitação do ensino às categorias gramaticais e suas funções sintáticas se evidencia ainda no discurso da escola, pois, referindo-se às aulas de português, é comum, por exemplo, falar-se simplesmente em aulas de gramática, *como se uma coisa equivalesse à outra*. Mais de uma vez, acompanhei, em Recife, o comentário que, numa emissora de TV, é feito às provas do vestibular das universidades federais de Pernambuco. Nesse programa, o comentário à *prova de língua portuguesa* foi anunciado por um professor como comentário à *prova de gramática*. De fato, parece acreditar-se que *uma coisa equivale à outra*.

Conclusão: ainda falta perceber que uma língua é muito mais do que uma gramática. Muito mais, mesmo. Toda a história, toda a produção cultural que uma língua carrega, extrapola os limites de sua gramática.


Uma questão que se impõe diante de tais constatações tem a ver com o fosso existente entre os avanços teóricos das ciências da linguagem e a prática pedagógica do ensino de línguas; entre as orientações oficiais – pelo menos aquelas divulgadas por instituições dos governos – e o dia a dia da sala de aula.

Parece que são dois caminhos paralelos, que nunca vão se encontrar: por um lado, os cientistas e pesquisadores, com suas investigações e achados; por outro, os professores, com suas atividades diárias de ensino. Cada um olhando para seu próprio mundo. A especialização fica confinada no espaço da academia e, assim, se torna patrimônio de poucos. O ensino continua preso às suas próprias justificativas e conveniências, e assim, vai-se reproduzindo nos mesmos perfis e parâmetros. Muitos dos temas mais atuais desenvolvidos pela linguística ainda são estranhos aos programas estudados nas escolas. Parece que ainda falta acontecer a mútua relação entre a teoria – que inspira e fundamenta a prática – e a prática – que realimenta e instiga a teoria.

O que falta, para que a produção científica dos pesquisadores, dos linguistas e pedagogos tenha mais força junto ao trabalho feito na escola? O que falta para que a teoria linguística consiga desinstalar a tradição ('o modelo que se seguiu sempre') como a única referência para a prática pedagógica da escola?

O esforço por uma maior divulgação dessa produção dos centros de estudo pode ser uma das saídas para o impasse. De fato, trazer para o entendimento dos professores princípios teóricos, consistentes e bem fundamentados, explicitar teorias que possam alimentar seus debates e reflexões pode promover uma intervenção mais significativa da escola. Sobretudo, no que se refere às questões textuais ou quando se trata de ultrapassar as costumeiras questões morfossintáticas das palavras e das frases feitas a propósito.

Na verdade, os professores:

- 
- precisam estar conscientes das amplas funções desempenhadas pelo uso das línguas na construção das identidades nacionais e na participação dos indivíduos nas mais diferentes formas de promover o desenvolvimento das pessoas e dos grupos sociais;

- precisam saber mais sobre as questões textuais – coesão, coerência, graus de informatividade de um texto – sobre os vazios linguística e pragmaticamente autorizados pelos contextos da interação;
- precisam conhecer melhor as implicações lexicais, gramaticais e discursivas da diversidade de tipos e de gêneros de texto;
- precisam saber como se pode dar um tratamento textual às unidades da gramática;
- precisam conhecer mais sobre a intertextualidade e seu peso na atividade de ler e elaborar textos, sobretudo aqueles mais complexos;
- precisam saber mais sobre as grandes funções da leitura e da escrita; na verdade, precisam saber como promover a gradativa inserção do indivíduo no mundo da escrita, ou melhor, no mundo da cultura letrada;
- precisam saber como articular ensino e avaliação, avaliação e ensino.

Tudo isso – e mais, que não dá para enumerar aqui – a fim de que, por seu trabalho, o professor consiga, de fato, alfabetizar, fazer crescer o *letramento* dos alunos e *ampliar as competências mais significativas para as atividades sociais, interativas e de encantamento, relativas aos usos literários ou não das línguas* (atividades de fala, escuta, leitura, escrita, análise).

Meu empenho com a publicação deste trabalho, conforme já fiz notar na apresentação, vai exatamente nesta direção: refletir com os professores, com os alunos de letras, de pedagogia, com os alunos das licenciaturas, enfim, sobre alguns aspectos das questões linguísticas. Não tenho a pretensão de trazer aqui grandes novidades teóricas. Este trabalho é, antes, uma espécie de apoio, de confirmação, de reiteração de princípios já definidos, mas que ganham ainda mais força se vistos com *outros olhos*, se ditos de outra forma, com outras perspectivas e outros destinos.

Digamos que faço com este livro uma tentativa de tradução de alguns dos princípios linguísticos mais amplos, que podem fundamentar um trabalho de ensino das línguas, na verdade, de *educação linguística*, que capacite a pessoa para atuar, com sucesso, nas atividades sociais que implicam, sob qualquer forma, algum tipo de linguagem.

Numa primeira parte, encaro mais de perto a relação entre língua, indivíduo e cultura; entre língua e exercício da cidadania. Numa segunda, fixo-me em algumas questões mais especificamente textuais, para depois,

numa terceira parte, centrar-me na atividade pedagógica do ensino, com foco em leitura e escrita. Em todo o trabalho, a perspectiva pedagógica aparece, uma vez que sempre procuro estar atenta *às implicações que as teorias podem ter para o ensino*.

Quero sentir-me como que me aproximando dos professores e alunos: para uma conversa. Para uma troca de ideias. Sem pretensões maiores que ajudá-los a encontrar jeitos de ver a linguagem e seu ensino com outros olhos: os olhos da interação, do diálogo, da funcionalidade, da diversidade, do encantamento. Quem sabe, assim, todos poderão sentir-se estimulados a ampliar as competências comunicativas que a convivência social exige?

Sentemo-nos, pois, para conversar um pouco!